



A LUTA CONTRA O INCONCEBÍVEL: A GUERRA NUCLEAR DA DÉCADA DE 80

Gerard K. Burke

O autor, antigo professor de História da St. John's University e do College of White Plains, EUA, é atualmente pesquisador independente, voltado para assuntos relativos à defesa. Possui os títulos de Bacharel em História Européia Moderna e Doutor em História Diplomática.

Com o crescimento e a modernização das forças nucleares estratégicas soviéticas e o paralelo envelhecimento e redução da correspondente capacidade americana, o conflito nuclear na década de 80 não é uma impossibilidade. As medidas de defesa civil da URSS desempenham um importante papel no planejamento. As estimativas de baixas vão de 40 a 10 para 1 em favor dos russos, na eventualidade de uma troca irrestrita de disparos nucleares. Uma hipótese mais plausível seria a de ataques de baixa intensidade contra a força nuclear estratégica dos EUA — uma política de "disparar-negociar-disparar". Os ataques desencadeados contra nossos bombardeiros estratégicos e suas instalações de apoio, bem como contra os submarinos nucleares fundeados nos portos e suas instalações, iriam reduzir a capacidade e as alternativas americanas. Como a mais rica e poderosa nação do mundo, poderão os Estados Unidos continuar a ignorar o aumento do desequilíbrio estratégico?

Para muitos, o conceito de guerra nuclear é inconcebível; a visão fantasmagórica de Hiroshima impede tal consideração e bloqueia a mente. O sentimento afiança que nenhum adversário capaz de raciocinar consideraria o emprego de tais artefatos aterrorizantes, qualquer que fosse a provocação sofrida.

E, se existir tal aberração, uma troca de disparos nucleares tornar-se-ia impossível, a menos que a força atacante possuísse meios suficientes para eliminar por completo os recursos da defesa. Um simples punhado de armas remanescentes seria

o suficiente para deter qualquer inimigo ponderado, através daquilo que McGeorge Bundy descreveu como sendo "um desastre fora da História".¹

Infelizmente, o sentimento e a lógica quase nunca estão de acordo. Segundo esta última, existem amplas razões para acreditar que as guerras nucleares podem ser travadas e vencidas com custos aceitáveis em termos de vida e bens materiais.

O primeiro passo para o entendimento do conceito de guerra nuclear envolve uma análise precisa da finalidade, ou das finalidades, a que se destinam os recursos de dissuasão americano e soviético. Felizmente, para o objetivo desta análise, pode-se supor que ambas as nações buscam os mesmos imperativos estratégicos: a preservação da integridade territorial e da soberania do estado contra uma usurpação externa e a projeção do poderio em apoio à política nacional.

Das duas, a última consideração provoca maior impacto porque, apesar de os Estados Unidos e a União Soviética serem rivais, não existe nenhum confronto territorial entre ambos. Eles foram poupados de uma fronteira comum e da agonia dilacerante que uma Alsácia—Lorena é capaz de produzir.

Como resultado, ambas as superpotências têm procurado utilizar as armas nucleares como símbolos de autoridade e poder. É triste assinalar, porém a maioria das nações não possui regimes democráticos; elas são marxistas, ditaduras militares ou de um partido único. Esses governos assumem e mantêm o poder pela força das armas. Destas, a mais poderosa é a nuclear e, certo ou errado, a nação que as brande de forma mais convincente alcança um nível de reconhecimento negado às demais.

Além disso, mais abrangido pelo prisma da aplicação física, os Estados Unidos, durante a maior parte do período de pós-guerra, têm procurado compensar a massa do poderio convencional soviético na Europa com esse tipo de armamento. Pelo menos até certo ponto, a Guerra da Coreia chegou ao fim pela ameaça ostensiva de emprego de armas nucleares, e o desdobramento iminente desses artefatos eclipsou a grande crise de 1948-49 em Berlim. Elas tiveram atuação de destaque nas repetidas crises no Estreito de Formosa, em meados da década de 1950, e seu papel durante a crise dos mísseis em Cuba foi cuidadosamente documentado.

Em contraposição, a União Soviética julgou apropriado engajar-se num entrecruze de "sabres nucleares" nos momentos críticos de crises que envolvessem seus interesses vitais na Europa Oriental, no Oriente Médio e em Cuba. Os sabres nucleares retiniram barulhentosamente durante o levante húngaro de 1956 e na Guerra do Oriente Médio deste mesmo ano; as repetidas crises em Berlim, no final da década de 50 e no início da seguinte, testemunharam a mesma atitude, como também, a malfadada aventura cubana de Khrushchev em 1962.

Não chega a surpreender que tais incidentes constituam um padrão ou formem um mosaico. Em todos os casos, estavam em jogo interesses vitais; em nenhum

¹ Geoffrey Kemp, *Nuclear Forces for Medium Powers: Part 1: Targets and Weapons Systems, Adelphi Papers*, número 100, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, Londres, Inglaterra, p. 28.

ma ocasião, qualquer dos partidos julgou necessário fazer uso físico das armas; e, exceto em uma ocasião, a facção julgada superior (o levante húngaro foi a exceção) emergiu triunfante.

Pode-se, daí, retirar-se uma conclusão: apesar de as armas nucleares terem sido repetidamente utilizadas para auxiliar a solução de disputas internacionais na era do pós-guerra, quando estavam em jogo interesses vitais, esse emprego obedeceu a regras clássicas aplicadas às "forças de manobra", e não às "forças de choque". Isto constitui-se em uma novidade neste século XX, já que a sina de suas instituições militares tem sido o conflito direto e violento.

Em períodos anteriores, muito ao contrário, houve extensas fases onde os grandes capitães temiam utilizar suas forças num confronto direto. Durante o século XVIII, por exemplo, capitães cujos exércitos eram constituídos de convictos e "voluntários" recrutados, ansiavam por evitar o combate e uma possível deserção em massa. Em mais de uma ocasião, informações dignas de crédito asseguram que Frederico, o Grande, estava mais temeroso de seu próprio exército do que de seus inimigos russos, austríacos e franceses.

Hoje em dia, em face do temor visceral e até mesmo primitivo que as modernas armas de destruição em massa inspiram, o pêndulo completou o balanço e a "manobra" novamente substituiu o "choque". Até o presente, no momento da decisão, nenhum país deseja descobrir qual o teorema, ainda não comprovado, que é verdadeiro. As altas autoridades nacionais preferem avaliar a sua posição nacional em termos de poderio reconhecido, e basear suas demandas nessa medida.

Claro que isto não é tão simples assim e várias restrições têm que ser levadas em conta: em primeiro lugar, já que o reconhecimento é uma parte importante do conjunto, conceitos de fácil entendimento adquirem um significado especial. Valores relacionados com os meios de lançamento ou número de ogivas e vantagens técnicas ou aperfeiçoamentos têm muito mais importância do que argumentos de difícil compreensão (usualmente debatidos de forma acalorada), acerca de táticas e formas de atuação.

Em segundo lugar, a superioridade não se origina apenas em números fixos, mas também na natureza da ocorrência. Uma força de valor inferior pode triunfar se a disputa tiver lugar próxima ao país e for de importância transcendente. Como exemplo, durante o levante húngaro de 1956, pouca dúvida existia de que o poderio de dissuasão americano era enormemente superior ao soviético. Mas a Europa Ocidental gozava, e ainda goza, de tal importância para os russos, que era ainda menor a dúvida de que, em inferioridade ou não, eles não iriam ceder. Naturalmente, deve ser também assinalado que tais alternativas podem ser adotadas apenas *in extremis*. Opções suicidas não são consideradas na maioria das hipóteses.

Em terceiro lugar, apesar de este artigo abordar apenas considerações nucleares, é essencial a compreensão de que um completo espectro de forças age e reage durante qualquer crise. A superioridade convencional soviética na Hungria, a capacidade americana de controlar o espaço aéreo e marítimo em volta de Cuba e a morte de Stalin no momento crítico da Guerra da Coreia, tudo foi de máxima im-

portância para a solução das respectivas crises. As armas nucleares não existem, não existem e não existirão em um vácuo.

A reserva que emerge acerca do que foi apresentado anteriormente decorre de haver razões para temermos que, no futuro, as armas nucleares deixem de ser "forças de manobra" e transformem-se em "forças de choque". Talvez este pessimismo seja prematuro, mas parece que há amplas evidências para fazer soar o alarme.

Hoje em dia, existem no país importantes grupos de interesse que aspiram desempenhar papéis de destaque no mundo, porém não desejam adquirir o nível de forças (no momento atual) correspondente às suas ambições. Eles não vêem grande utilidade na superioridade estratégica, não estão dispostos a dar-lhe grande atenção e se refugiam na acalentadora hipótese de que as armas de destruição em massa não podem ser usadas com eficiência.

Não está claro se manterão esse ponto de vista em ocasiões de crise que envolvam os interesses vitais, porém, se positivo e na eventualidade de esta ocorrer durante um período de inferioridade estratégica americana, eles encontrar-se-ão violando um dos princípios não-escritos, porém fundamental, do confronto estratégico — quando estão em jogo os interesses vitais, a potência inferiorizada deve reprimir seu orgulho em benefício de outra superior. A falta de observância desse princípio, principalmente desde que foi formulado pelos americanos, poderá redundar em uma solução de crise diferente de qualquer outra que tenha ocorrido no período de pós-guerra.

Há uma premissa especial, no caso dos Estados Unidos, que é inescapável. Este país tem recursos não só para igualar qualquer valor de forças que a União Soviética seja capaz de apresentar, mas também para eclipsá-lo. Os Estados Unidos são a nação mais próspera do mundo; seu produto nacional bruto é quase que o dobro dos tecnicamente atrasados russos. O fato de que o país deixe de manter um nível de força compatível é um grave testemunho de seu relacionamento com o resto do mundo.

Estudar o "choque nuclear" é tanto complexo quanto pouco atraente. Assim, para facilitar a tarefa e afastar o ensaio do abstrato, deve-se considerar um ano e valor de forças definidos. Ele poderá ser o de 1982, porque, a essa altura, o atual desdobramento soviético já deverá ter sido completado. Quando isto ocorrer, a situação da URSS deverá estar conforme mostrado na Figura 1.

As projeções ali contidas são aproximadas. As *SALT* (Conversações para Limitação de Armas Estratégicas), as decisões do Congresso, os acontecimentos mundiais, e assim por diante, podem afetá-las profundamente. Além dessas considerações, ainda existem diversos aspectos que são obscuros. Por exemplo, muitos mísseis da antiga classe *SS-11* foram alvos de novas alterações; assim, é duvidoso que eles sejam desativados.

Ao mesmo tempo, o futuro dos modernos *SS-16* é incerto. Trata-se de um míssil móvel já pertencente à dotação de armas. Até o momento da elaboração deste trabalho nada se sabia sobre sua inclusão nas *SALT*. Ele foi testado com

MIRV (míssil de reentrada e alvos múltiplos pré-selecionados), e os soviéticos podem prever a conversão do SS-20 em SS-16, pela adição do estágio que falta.²

O quadro relativo aos submersíveis está igualmente opaco. A espinha dorsal da flotilha é a classe Y, com 34 unidades. No futuro, entretanto, algumas dessas terão que ser desativadas a fim de abrir vagas para unidades mais novas, caso sejam mantidos os tetos previstos. Isto entretanto não impedirá os russos de dotar as unidades remanescentes dessa classe de novos e aperfeiçoados mísseis (SSNX-17). Talvez mais surpreendente ainda seja o fato de que a mais antiga unidade de classe Y seja mais moderna do que o mais novo dos atuais 41 submarinos do EUA que conduzem mísseis balísticos.

O campo americano é caracteristicamente distinto, em particular sob o enfoque de tamanho e idade. Em 1982, as forças americanas deverão se encontrar conforme indicado na Figura 2.

De uma forma menos confusa que suas correspondentes soviéticas, as forças estratégicas dos Estados Unidos são eclipsadas pela propensão americana de mudança. Como exemplo atual, o B-52 armado com 20 mísseis de cruzeiro de longo alcance ainda não existe. Entretanto, a aeronave está operacional desde pelo menos 1959. O mesmo é válido para os submarinos da classe *Lafayette*, dotados de mísseis Trident, ou os MBIC *Minuteman III* (mísseis balísticos intercontinentais) armados com MIRV de 350 KT.

Mais restritivo ainda é o que as simples comparações estatísticas como as apresentadas não indicam. Em nenhum momento, elas levam em conta a capacidade de defesa, e, hoje em dia, é grande a controvérsia que existe a respeito desta faceta do planejamento estratégico.

Denominados de CDM (medidas de defesa civil) em seu conjunto, este setor engloba os programas destinados a garantir as indústrias vitais, a população civil e as lideranças tanto militar quanto política. Ele diz respeito à defesa, dispersão, abrigo e evacuação.

Alguns observadores, como o General George Keegan, asseguram que a União Soviética adquiriu uma superioridade esmagadora nesse setor e que, caso ocorra uma troca irrestrita de disparos nucleares, a proporção de fatalidades favorecerá os russos na razão de 40 para 1 (aproximadamente 100 milhões de mortos americanos contra 2,5 milhões russos).³

Outros discordam frontalmente. O Secretário da Defesa Harold Brown desdenhou tais estimativas e assegura que a simples mudança de pontaria das armas será suficiente para suplantiar qualquer programa de defesa civil. Enquanto isso, os mem-

² Bernard Weinraub, "Pentagon Aides Say Moscow Has Mobile Missiles Able to Reach US", *The New York Times*, 3 Nov 77.

³ Sessões da Comissão de Forças Armadas, Parte 10, Pesquisa e Desenvolvimento, 95ª Legislatura, Primeira Sessão, Senado dos EUA, 1977, p. 6941; Military Leaders Clash on Soviet Threat", *Aviation Week & Space Technology*, 7 Feb 77, p. 16.

Mísseis Balísticos Intercontinentais

Classificação	Ogivas	Quantidades	Desdobramento Inicial
SS-18	2 MT x 8	308	1975
SS-19	340 KT x 6	380	1975
SS-17	200 KT x 4	160	1975
SS-16	1 MT x 1	450	1975
ou SS-11	1 MT x 1	450	1966
Total = 1 298			(aproximadamente 1 300)

Mísseis Balísticos Lançados do Mar (Superfície)

Classificação	Ogivas	Quantidades	Desdobramento Inicial
SSN-8	1 MT x 1	284	1972
SSNX-17	1 MT x 1	272	Não desdobrado
SSNX-18	MIRV x 3	400	Não desdobrado
Total = 956			(aproximadamente 950)

Mísseis Balísticos Lançados por Submarinos

Classe	Mísseis	Unidades	Desdobramento Inicial
Y	SSNX-17 x 16 = 272	17	1969
D-1	SSN - 8 x 12 = 156	13	1972
D-2	SSN - 8 x 16 = 128	8	1973
D-3	SSN -18 x 20 = 400	20	1977
Total = 58			(aproximadamente 60)

Bombardeiros de Longo Alcance

Classe	Armas	Unidades	Desdobramento Inicial
Backfire	1 MT x 2 (mísseis de cruzeiro?)	275	1974*

* Richard Burt, "Major Concessions by U.S. and Soviet on Arms Reported" *The New York Times*, 11 Out 77, p. 1.

Figura 1

Mísseis Balísticos Intercontinentais

Classificação	Ogivas	Quantidades	Desdobramento Inicial
Minuteman III	350 KT x 3	550	Não desdobrado
Minuteman II	1 MT x 1	450	1966
Titan II	5 MT x 1	54	1962
Total = 1 054			

Mísseis Balísticos Lançados do Mar (Superfície)

Classificação	Ogivas	Quantidades	Desdobramento Inicial
Polaris A-3	200 KT x 3 (MRV)	160	1964
Poseidon	50 KT x 10 (MIRV)	336	1971
Trident I	100 KT x 8 (MIRV)	280	Não desdobrado
Total = 776			

Mísseis Balísticos Lançados por Submarinos

Classe	Mísseis	Unidades	Desdobramento Inicial
George Washington	Polaris A-3 x 16 = 80	5	1959
Ethan Allen	Polaris A-3 x 16 = 80	5	1961
Lafayette	Poseidon x 16 = 336	21	1963
Lafayette	Trident I x 16 = 160	10	1963
Ohio	Trident I x 24 = 120	5	Não desdobrado
Total = 46			

Bombardeiros de Longo Alcance

Classe	Armas	Unidades	Desdobramento Inicial
B-52	200 KT x 20 (mísseis de cruzeiro)	120	Não desdobrado
B-52	200 KT x 8 (SRAM) 1 MT x 4 (bombas)	7	1959*

* The Military Balance, 1977-1978, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, Londres, Inglaterra, 1977.

Figura 2

bros da Junta de Chefes de Estado-Maior permanecem a meio-termo. Apesar de discordarem do General Keegan, seu antigo colega, eles expuseram a opinião de que o desequilíbrio alcança a razão de 10 para 1 (100 milhões de mortos americanos para 10 milhões de soviéticos). Se isto for verdadeiro, e para as finalidades deste artigo assim será considerado, aí está uma grande brecha estratégica que os soviéticos devem ter condições de explorar dentro do contexto de combater e vencer uma guerra nuclear.⁴

Antes de examinarmos tal probabilidade, é oportuno focalizarmos uma hipótese extremamente desagradável — um assalto irrestrito. Também conhecido como de contravalor, essa forma de ataque concentrar-se-ia na obliteração da sociedade adversária pela destruição dos centros urbanos e industriais. Aplicada sobre os Estados Unidos, ele resultaria na destruição de três-terços de indústria e nas já mencionadas 100 milhões de mortes.⁵

Teoricamente, conforme já assinalado, a União Soviética poderá ter condições de manter suas baixas em um décimo desse valor. Mas aí é que reside o problema — a expressão é "teoricamente". Ninguém conhece as conseqüências da detonação maciça de armas nucleares e não há dados a esse respeito. À vista disso, é difícil crer que os líderes soviéticos possuam o elevado grau de confiança necessário para seguir um curso tão cheio de incertezas.

Não se deve permitir que haja equívoco algum nesse quadro — qualquer que seja o objetivo dos mísseis lançados de terra ou pelos bombardeiros, a força de mísseis balísticos dispõe de capacidade para incinerar os 300, ou próximo a isto, mais populosos centros na União Soviética. Mesmo que eles sejam completamente evacuados e suas indústrias protegidas para resistir ao sopro e aos efeitos térmicos nucleares, a perda de tantas estruturas de alvenaria, a maior parte das quais não contará com proteção, seria um impacto arrasador. Isto é especialmente válido em uma sociedade que depende de todos os recursos de segurança para manter os elementos dissidentes em xeque. É inteiramente possível que a Rússia sobreviva, mas não a União Soviética.

À vista do que foi dito, parece ser mais viável que as formas de ataque mais plausíveis para os soviéticos restrinjam-se a níveis menos elevados que, dentro das circunstâncias atuais, poderão visar uma finalidade tripla: reduzir as forças americanas a uma situação onde apenas subsistam as opções de contravalor, mantendo paralelamente o grosso de seus recursos bélicos em reserva para ações adicionais; colocar a América na posição insustentável de ter que sacrificar vastos segmentos da população para garantir objetivos alheios à sua existência, assegurando-se ao mesmo tempo que suas perdas sejam limitadas; e criar um clima de pânico e histeria no organismo político americano e explorar qualquer tendência divergente que possa existir dentro ou fora do governo.

Em uma crise que envolvesse interesses vitais, os soviéticos poderiam tentar obter tais resultados através de um ataque coordenado sobre a força estratégica

4 "Soviet Strategic Forces", *Survival*, Mar-Abr 77, pp. 76-78.

5 Robert J. Carlin, "Um Equívoco de 400 Megatons", *Military Review*, Nov 74, pp. 3-12.

dos Estados Unidos. Dada a flexibilidade dos meios de combate que eles estão desdobrando na atualidade, suas opções são numerosas, demais mesmo para serem examinadas em um artigo curto. Entretanto, uma ou duas dessas alternativas estão à vista e são suficientemente breves para permitir um exame mais profundo de suas características operacionais.

A primeira fase dessas ações envolveria um ataque dirigido sobre os bombardeiros estratégicos, os submarinos que estivessem nos portos e as bases do além-mar. No início da década de 1980, esta opção parece ser particularmente atraente porque a força de bombardeiros estará bastante reduzida em número e em importância.

Atualmente, a força de B-52 orça em cerca de 300 unidades na ativa, porém, em 1982, este valor estará aparentemente reduzido para cerca de 120. Estas aeronaves estarão equipadas com mísseis de cruzeiro. Apesar de ainda existirem diversos outros tipos de bombardeiros, em totais não indicados no momento, seu valor será limitado, e em um confronto com o aperfeiçoamento crescente das defesas soviéticas é duvidoso que sejam capazes de penetrar com eficiência até seus objetivos.⁶

Na realidade, mesmo a eficácia do bombardeiro armado com mísseis de cruzeiro é questionável. Uma dessas armas, com um alcance de 1.500 milhas náuticas, lançada de qualquer ponto seguro de periferia do território soviético, provavelmente não terá capacidade de cobrir toda a área russa. Além disso, de acordo com os estudos mais respeitáveis realizados até o momento, esse míssil (lento e subsônico) não conseguirá penetrar nas defesas antiaéreas que se espera que existam em torno de um-terço dos alvos soviéticos (incluindo as cerca de 300 cidades de grande porte) que são considerados mais importantes.⁷

De mais destaque ainda é o fato de que a frota de bombardeiros da década de 80 poderá estar desdobrada em apenas poucas áreas, as quais não devem ser densamente povoadas. Os 120 bombardeiros do futuro poderão ser estacionados em não mais do que sete locais (hoje, esta força está desdobrada em um número de áreas pouco abaixo de 20), cuja população será inferior a 200.000 habitantes (isto é, um total aproximado de um milhão e meio).

Também não se deve esquecer que as bases aéreas são alvos pouco resistentes, passíveis de destruição por meio de detonações em altitude elevada, que não produzem radiação, e que nenhum porto dos EUA está a mais de 15 minutos de duração de trajeto para um SLBM (míssil lançado do mar). Qualquer retardo que ocorra, por mínimo que seja, poderá redundar na perda de toda a força. Muitos observadores contemporâneos questionam abertamente a firmeza dos Estados Unidos; eles

6 Sessões da Comissão de Forças Armadas, Parte 5, Autorizações, 94ª Legislatura, Segunda Sessão, Senado dos EUA, 1976, pp. 2911-12.

7 Sessões da Comissão de Forças Armadas, Parte 5, Autorizações, 95ª Legislatura, Primeira Sessão, Senado dos EUA, 1977, p. 3579; Clarence A. Robinson Jr., "ICBM, Guidance Curbs Alarms Planners", Aviation Week & Space Technology, 11 Jul 77, pp. 14-18.

o vêem meditativo, desanimado e pessimista acerca da natureza da resposta americana ao desafio soviético.⁸

Finalmente, três premissas exigem alguma consideração: todos os B-52 têm extrema necessidade de bases para as operações. Destruídas estas, mesmo as aeronaves remanescentes teriam sua flexibilidade profundamente afetada.

Muitas das missões dos B-52 exigem o uso de bases estrangeiras vulneráveis, e quase todas demandam o reabastecimento em voo. Se estas instalações ou os aviões-cisternas forem destruídos, a flexibilidade da força declinará com rapidez.

Não há previsões para a aquisição de novas cargas de mísseis de cruzeiro ou SRAM (míssil ofensivo de curto alcance) para os bombardeiros. Uma vez consumida a dotação inicial, as aeronaves terão sua utilidade drasticamente reduzida.⁹

Nessa eventualidade, com os bombardeiros reduzidos a uma força secundária, e sua capacidade de infligir danos profundamente diminuídos, está aberto caminho para atacá-los. As conseqüências de um fracasso nesta operação não seriam excessivamente graves.

Quanto ao restante, os submarinos que estariam nos portos (entre 25 e 35 por cento das flotilhas) seriam encontrados principalmente em Charleston, na Carolina do Sul (população aproximada de 65.000 habitantes), e, talvez, em King's Bay, na Geórgia, e em Bangor, em Washington (ambas as áreas pouco populosas). As bases no ultramar (por exemplo, Guam ou Holy Loch), não estando em território americano, podem ser atacadas sem o receio de revide.¹⁰

Considerados em conjunto, estes recursos representam uma considerável parcela de capacidade de dissuasão total. Sua eliminação resultaria num grave impacto não só militar como também psicológico. Mais importante ainda é o fato de que um ataque sobre esses componentes da Tríade poderia ser executado com um número relativamente pequeno de armas, poucas detonações e um risco menor ainda para as populações urbanas. Isto evitaria as incertezas de numerosos disparos de mísseis ou de detonações, e seria quase impossível ser confundido com um ataque generalizado. Conclusão: Trata-se de uma alternativa atraente.

A situação da força de mísseis com base em terra é de certa forma diferente. Esta consiste hoje em dia de cerca de 1.054 unidades, das quais 75 por cento provavelmente sobreviverão a um assalto inimigo. Entretanto, por volta de 1982, este valor decairá para algo entre 10 e 25 por cento. Com efeito, é inteiramente plausível

8 Alton B. Quanbeck e Archie L. Wood, *Modernizing the Strategic Bomber Force, What and How*, The Brookings Institution, Washington, D.C., p. 44.

9 Sessões da Comissão de Forças Armadas, Parte 8, Pesquisa e Desenvolvimento, 95ª Legislatura, Primeira Sessão, Senado dos EUA, 1977, p. 5810; Sessão da Comissão de Forças Armadas, Parte 9, Pesquisa e Desenvolvimento, 95ª Legislatura, Primeira Sessão, Senado dos EUA, 1977, p. 6075.

10 KEMP, *op. cit.*, p. 22.

que todos ou quase todos os mísseis lançados de terra sejam perdidos em consequência de um ataque de surpresa inimigo.¹¹

Existem, porém, dificuldades. Em primeiro lugar, alguns observadores têm por hábito afirmar que um ataque coordenado sobre os bombardeiros e os mísseis é de resultado incerto. Eles fundamentam suas assertivas no fato de que somente os *SLBM* dispõem de características de duração de trajeto adequadas para destruir os bombardeiros, enquanto que apenas os mísseis lançados de terra possuem a precisão necessária para atingir os silos protegidos. Infelizmente, eles esquecem-se de que os mísseis lançados de terra têm essas características apenas marginalmente diferentes dos *SLBM*.¹²

Supondo-se que as bases dos bombardeiros sejam atingidas em primeiro lugar (é claro que os soviéticos poderiam atacar de início os mísseis, a fim de capitalizar o fato de que os bombardeiros estão reduzidos a uma força secundária), as autoridades do comando nacional teriam somente 15 minutos para decidir o destino dos mísseis lançados de terra. Este espaço de tempo é por demais exíguo para uma decisão que envolve a vida de 100 milhões de pessoas. Seria até mesmo difícil escolher o tipo de alvo (urbano ou militar) que deveria ser visado em primeiro lugar para obter um maior volume de danos. A determinação do valor do ataque ainda é mais complexa, e é inescapável a realidade de que os mísseis nos silos estão à beira de se tornarem a "força espasmódica" — que exige emprego imediato para evitar a destruição.

Mais crítico ainda é o fato de que um ataque à força de MBIC exigirá um número imenso de ogivas e o lançamento preciso de centenas de mísseis. Tal operação nunca foi antes tentada e, conforme foi dito anteriormente, ignora-se o resultado conjunto de milhares de potentes explosões.

No que diz respeito às baixas colaterais, em termos otimistas, as estimativas indicam que os Estados Unidos podem sofrer em torno de 20 milhões de baixas em consequência desse ataque. Entretanto, a maioria dessas seria decorrente da precipitação radioativa; elas não seriam imediatas, mas sim ocorreriam durante algum tempo. Este fenômeno (os dados estimados podem variar consideravelmente) tornaria muito difícil a tarefa do governo determinar a natureza da resposta.¹³

Como outra e mais angustiante dificuldade, deve ser assinalado que o comportamento dos países pode atingir dimensões tão irracionais, a rivalidade e o ódio tornarem-se tão intensos, que o desejo de matar o inimigo sugere o instinto de sobrevivência.¹⁴ O mais terrível e mais bem documentado exemplo dessa aberração de

11 Clarence A. Robinson Jr., "SALT Agreement Face Trouble in Congress" *Aviation Week & Space Technology*, 17 Out 77, pp. 14-16.

12 *Operations Research*, Set 71, pp. 1215-34.

13 Sessões da Subcomissão de Controle de Armamentos, Organizações Internacionais e Acordos de Segurança da Comissão de Relações Exteriores, acerca dos Possíveis Efeitos sobre a Sociedade dos EUA de um Ataque Nuclear contra Instalações Militares Americanas, 95ª Legislatura, Primeira Sessão, 1975, pp. 38-39.

14 Jerome D. Frank, "Psychological Aspects of the Nuclear Arms Race", *Bulletin of the Atomic Scientists*, Abr 76, pp. 22-24.

comportamento ocorreu de 1914 a 1918, quando pessoas dotadas de lógica e raciocínio (não houve Hitlers durante a 1ª Guerra Mundial) varreram sistematicamente toda uma geração sem sequer buscarem o término do conflito por meios diplomáticos. Hoje em dia, no quartel final do século XX, é impossível determinar qual seria o impacto causado pela perda de 20 milhões de almas, antes do próprio evento. Entretanto, não se deve ignorar a possibilidade de que possam ocorrer graves problemas.

Por outro lado, 20 milhões de mortes poderiam ser absorvidas, caso os principais centros fossem respeitados. Porém, se 80 milhões de baixas adicionais forem acrescentadas aos 20 milhões, no caso de um ataque irrestrito, com todos os principais centros urbanos em ruínas, não há dúvida de que, historicamente, os Estados Unidos da América deixarão de existir.

Muito inquietadora, entretanto, é a dura realidade de que, face à relação de mortes de 10 para 1, os soviéticos estarão somente arriscando 2 milhões de vidas em uma troca de disparos (De contraforça), enquanto que a previsão de 20 milhões de mortos americanos seria duas vezes o total estimado para os soviéticos em um ataque irrestrito! Ainda quase tão grave quanto isto, é o fato de que só uma simples fração (cerca de 30 por cento) da força de mísseis russa seria necessária para alcançar tal resultado.

Isto quer dizer que, com possivelmente dois terços da Tríade estratégica americana em ruínas, os soviéticos ainda teriam intactos dois terços de sua força de mísseis lançados da terra, sem contar os disparados por submarinos e os bombardeiros. Tal força disporia de possibilidades de ataque quase ilimitadas, enquanto que os Estados Unidos estariam quase que restritos à adoção de opções suicidas de ataques a centros urbanos.

A fim de melhor aproveitar esse desequilíbrio e, ao mesmo tempo, reduzir as incertezas, os russos poderiam adotar uma política alternativa de "disparar-negociar-disparar". Da mesma forma que nas outras circunstâncias, eles atacariam de início os bombardeiros e os submarinos nos portos. Caso lograssem sucesso, os EUA pouco mais teriam para prosseguir na disputa além dos altamente vulneráveis mísseis lançados de terra e das alternativas suicidas.

Sob tais condições, caso a América se recuse a atender as demandas da URSS, os russos poderiam iniciar a destruição sistemática dos silos através de uma série de ataques de baixa intensidade. É claro que os EUA disporiam de recursos para responder a essas salvas, mas ainda assim teriam que enfrentar o desequilíbrio maciço do total de baixas e a limitação no número de opções de ataque após a exaustão dos mísseis lançados de terra.

Esse desequilíbrio continuaria presente mesmo no caso de a força de bombardeiros de segunda classe sobreviver à ação preventiva. O processo de desgaste seria apenas mais demorado e custoso. É bem plausível que custe aos soviéticos sua força de mísseis desdobrada nos silos (não, porém, a força terrestre móvel) e alguns de seus bombardeiros e outras instalações militares.

Conclusão: A União Soviética alcançará uma situação onde, com um risco mínimo ou modesto, terá condições de colocar os Estados Unidos em uma posição insustentável.

Finalmente, parece que o futuro estratégico dos EUA não é promissor. A capacidade de dissuasão do início da década de 1980 aparenta ser tão inferior à sua correspondente russa, que pouca finalidade terá além de permitir a defesa dos Estados Unidos Continental contra as ambições vermelhas. Já que não parece provável que os soviéticos tenham demandas sobre tal área, este "dissuasor mínimo" será inútil.

A finalidade clássica dos elementos de dissuasão é servir como "força de manobra", um instrumento para projetar o poderio americano e compensar a força convencional soviética, principalmente na Europa.

A histórica "cobertura nuclear" parece estar-se desvanecendo com rapidez face ao crescimento militar da URSS.

Não há dúvida de que alguns continuarão a insistir sobre a inviabilidade da guerra nuclear. Porém o confronto descrito nas páginas anteriores será bem menos custoso em termos de vidas humanas e de bens materiais do que uma guerra convencional em larga escala. Isto é particularmente verdadeiro se o conflito ameaçar adquirir as proporções da 2ª Guerra Mundial.

Os soviéticos sobreviveram a ela, a despeito das vultosas baixas e danos. Não só sobreviveram como *emergiram mais fortes*. E este é o aspecto capital: eles provaram que, sob determinadas condições, podem absorver um gigantesco volume de danos para lograr um objetivo essencial. Deixar de compreender isto e a amplitude de suas ambições poderá redundar na maior tragédia deste ou de qualquer outro século.

Transcrito da MILITARY REVIEW (Edição Brasileira, 3º trimestre, 1978)